

DO MITO À REALIDADE

TEXTO: David de Carvalho
ILUSTRAÇÕES: Miguel Oliveira

Em Março de 1997, pouco mais sabia do Banco Gorringe do que aquilo que nos ensina uma carta de navegação. E nisso, o que me diferenciava das poucas pessoas com quem havia trocado impressões sobre o assunto, era o facto de não sentir necessidade de tecer cenários imaginários acerca do local. O que sentia mesmo, era uma vontade enorme de lá mergulhar. Esse desejo, povoava-me os sonhos e roía-me os planos de viagem desde há alguns anos.

mergulho

BANCO GORRINGE



Uma noite de Março, o assunto surgiu ocasionalmente no meio duma conversa, em casa do José Eduardo dos Santos. Quando lhe transmiti o desejo de ir lá na primeira oportunidade, a resposta saltou-lhe da boca como um tiro: "Também eu! Vamos lá este verão!" A exclamação tinha o tom solene e definitivo que caracteriza a convicção dos homens empreendedores e dos loucos. A partir desse momento tive a certeza que não passariam seis meses sem que o Gorringe deixasse de ser um mistério.

O Gorringe, o Josephine ou o Unicórnio são bancos rochosos, como que pequenas ilhas afundadas, que emergem das profundezas do Atlântico, nalguns casos, até aos 20 metros. São - demasiado - conhecidos das frotas pesqueiras, nacionais e estrangeiras e povoam o imaginário de mergulhadores novatos e veteranos. Servem de motivo de conversa nas noites de inverno e estão na origem de planos de viagem que nunca se realizam. Apesar disso, há sempre alguém que "sabe" qualquer coisa do assunto. Ou, porque já lá esteve e não mergulhou. Ou, porque recebeu a informação de qualquer fonte "segura". Depois, os disparates dão para escrever um livro. Das vagas gigantescas à corrente impraticável, passando pela total ausência de vida no local ou os riscos de morte às mãos de um qualquer pirata mauritano, vale tudo. Quando se trata do nosso ego, a imaginação não tem limites.

UMA HISTÓRIA TRÁGICA

Foi assim que, no dia 28 de Junho, partiu de Vilamoura um Bavaria 44, baptizado "Oceano" e carregado com equipamento de mergulho suficiente para abrir uma "megastore". Barco e tripulação tinham-se preparado para uma semana no mar e uma viagem de 30 horas para um destino que, curiosamente, não era terra firme. A bordo, 4 mergulhadores, 2 assistentes e um comandante faziam os possíveis por acomodar-se com um mínimo de civilidade, entre equipamento e víveres. À saída da barra cruzámo-nos com o "Condor de Vilamoura", uma escuna de 30 metros que faz viagens de

BAVARIA YACHTS

turismo ao longo da costa sul. No nosso leme, o António Rocha cumprimenta-os com um aceno de mão e um sorriso. Faz perto de dois anos que se cruzou com eles em condições diferentes. No regresso duma viagem aos Açores, encontrou o "Condor" em cima do Gorringe. O barco tinha sido fretado por 12 mergulhadores alemães que tentavam mergulhar no meio das vagas de 4 metros que se formam no banco, em Setembro. Dentro do possível, a situação era normal e o António seguiu viagem. Algumas horas mais tarde, o "Condor" emitia um pedido de socorro. No barco, quatro mergulhadores estavam às portas da morte, vítimas dum acidente de descompressão. O pedido é captado por uma esquadra da Marinha norte americana com quem se haviam cruzado na véspera e que navegava agora a cerca de 50 milhas do local. Apesar da distância, é enviado um helicóptero de

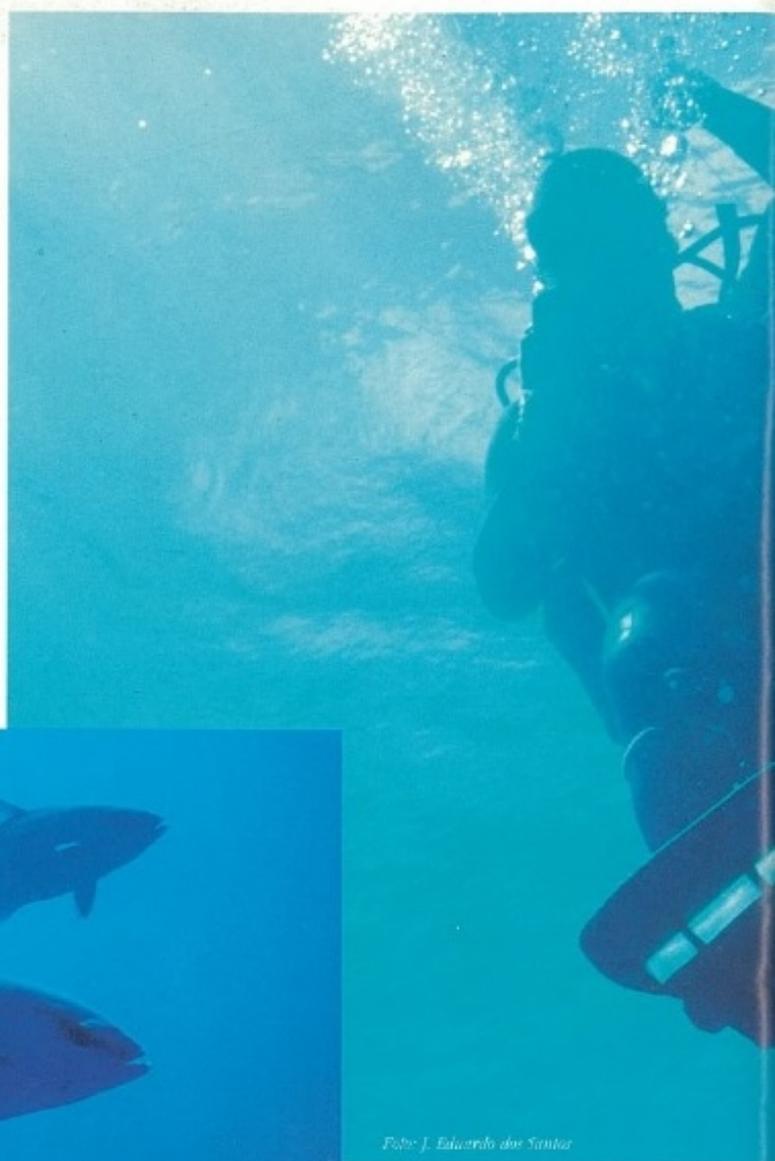


Foto: J. Eduardo dos Santos



Foto: J. Eduardo dos Santos

socorro e algumas horas mais tarde os mergulhadores entram numa câmara de descompressão em Cádiz, salvos pelo acaso, da tragédia inevitável.

É este mesmo barco que se afasta agora de nós, para o remanso calmo da Marina, enquanto saímos a barra em direcção a um destino que não sabemos sequer que existe. Esta história é a única que conheço do Gorringe.

Se alguma vez lá mergulhou mais alguém, não deu notícia do facto.

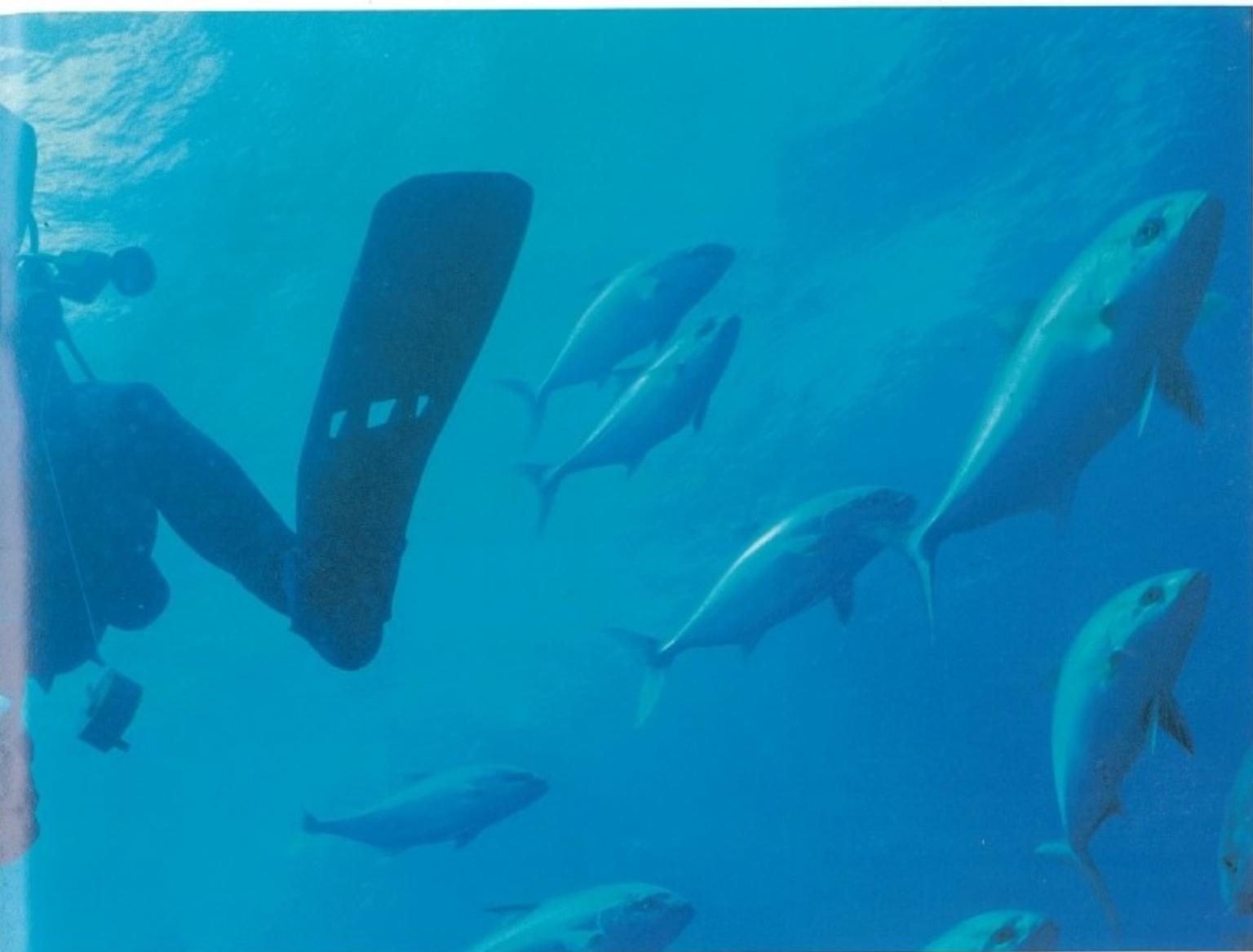
TARTARUGAS E UMA DÁDIVA DE S.PEDRO

Na costa sul a água do mar é verde e o vento de NO traz um mar picado, de vaga curta, que nos entra pela proa.

Os lírios foram

uma presença constante

durante os mergulhos



As tartarugas quase sempre
permitiam a aproximação
em apneia

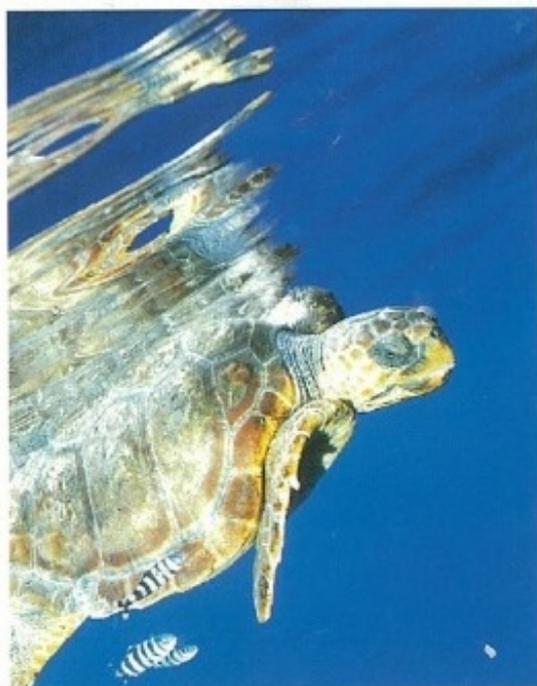


Foto: J. Eduardo dos Santos

Navegamos à bolina cerrada e fazemos uma média de 6 nós. No dia anterior havia sido noticiada a morte do Comandante Cousteau. A RTP encabeçava uma impressionante corrida aos disparates dando conta do desaparecimento do criador do “escafandro automático”. No dia seguinte, o “Expresso” acompanhava e, enquanto publicava um artigo de 10 páginas sobre a vida íntima de Pinto da Costa, dedicava pouco mais de uma página ao inventor do “fato de mergulho autónomo”. O brilhante articulista, não contente com a prova de ignorância, recheava o elogio póstumo de comentários cínicos e despropositados. Estranho país é o nosso, por vezes. A 18 horas de Vilamoura começamos a avistar os primeiros Paínhos (*Oceanodroma castro*) e, mais esporadicamente, pequenas tartarugas (*Caretta caretta*) que se mostram indiferentes à nossa curiosidade. Algumas

deslizam ao sabor da corrente junto de objectos flutuantes, acompanhadas dos fiéis peixes-piloto. Aqui, as águas são já daquele azul carregado que deixa os mergulhadores com expressões nostálgicas... Mas, o nosso objectivo ainda está longe e o mar não está exactamente muito calmo. Se as condições mudam um pouco, o mergulho previsto para a manhã do dia seguinte, pode não se realizar.

Na manhã de 30 de Junho acordo às 6h:00 e não quero acreditar no que vejo através da escotilha da cabine. O mar parece óleo. Corro ao "deck" onde esbarro com o sorriso do António: "Estamos no Gorringe!" À minha volta é a calma, os painhos e, ao longe, o vulto de bóias de pesca, a sinalizar a presença humana. Acordo os outros e, em poucos minutos, está toda a gente pendurada nas amuras do "Oceano", com cara de parvo a olhar o azul. Alguém sugere, na brincadeira, que S. Pedro deveria figurar como patrocinador oficial...

9 HORAS DE BUSCA E UM FINAL FELIZ

Enquanto o equipamento de mergulho é preparado, navegamos para a coordenada que na carta marca o Pico Gettysburg, a 27M de profundidade a sonda reduzida. A bordo, a redundância de equipamento é generosa. Temos quatro GPS e apesar disso, um está sem pilhas, outro provou ser pouco rigoroso e o outro opera mal. O quarto é o único a oferecer confiança e irá para bordo do pneumático para o reconhecimento da zona. O nosso barco de apoio é um C3 ao qual foi posto um nome, de humor duvidoso e certamente pouco adequado a um barco: "Próximo". Está equipado com um motor de 20HP e uma sonda com alcance até 500 metros de profundidade, que garante o reconhecimento dos fundos. O contacto com o "Oceano" é garantido por rádios com 5 milhas de alcance, que estão permanentemente ligados. As equipas de reconhecimento funcionam em grupos de três, estando dois no pneumático e um no veleiro, em contacto permanente. À cabeça desta ope-

ração, o Alexandre Ramos, de nariz colado à sonda, "desligava" do mundo exterior. O Alex foi uma espécie de director comercial da viagem, capaz de vender frigoríficos aos esquimós e filosofar nas horas vagas. Além destes predicados, é dotado de uma perseverança invulgar, que por vezes se confunde com teimosia e que lhe permitiu

Localização do Banco

Gorringe, a cerca de

125 milhas a 50 do

Cabo de S.Vicente



Foto: J. Eduardo dos Santos

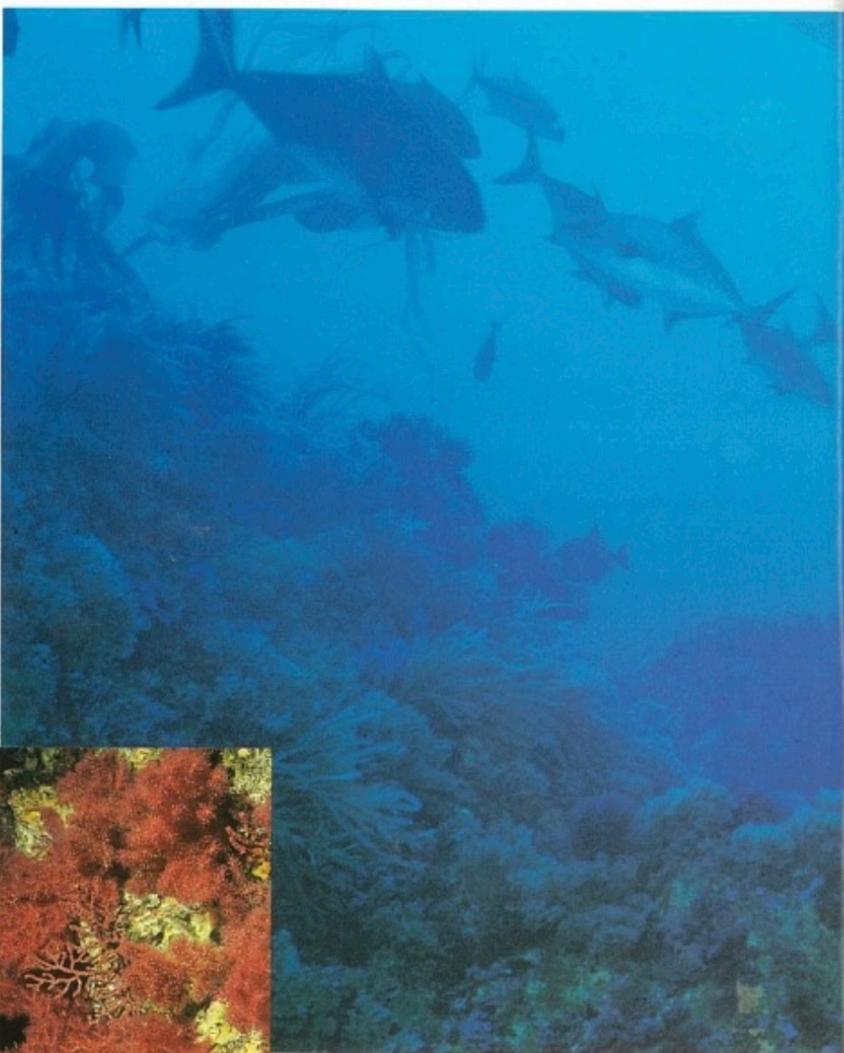
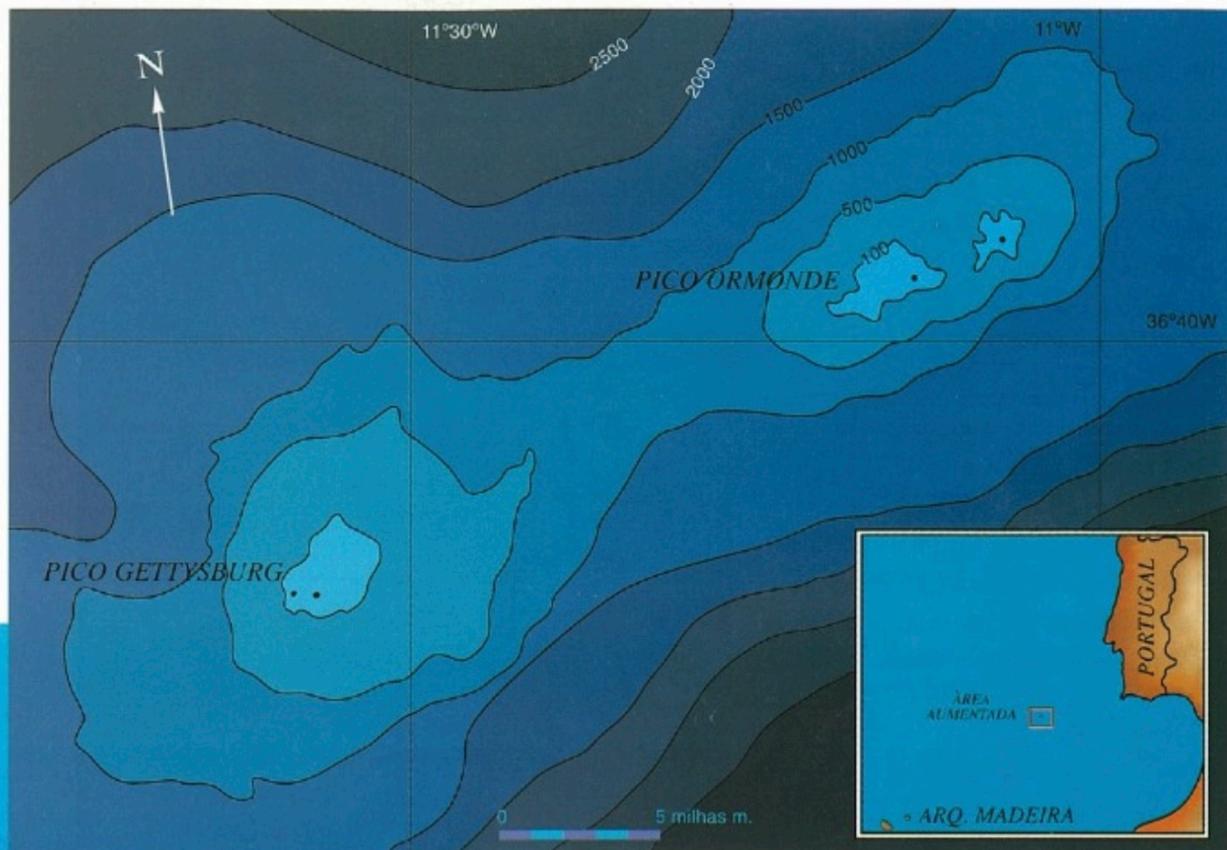


Foto: J. Eduardo dos Santos





O Banco Gorringe apresenta uma inesperada profundidade de vida vegetal

uma quantidade de resultados, sem os quais nunca teríamos podido mergulhar neste local extraordinário. Durante meses recolheu dados e informações, contactando toda a espécie de organismos e entidades, recolheu “know-how” e apoio logístico, dando forma prática às pretensões do grupo.

Já com tudo preparado a bordo, o reconhecimento da zona começou perto das 9h00 mas, passadas oito horas, a sonda não tinha marcado fundos acima dos 65 metros. Entre todos, reinava a desilusão. Depois de toda a espécie de tentativas, perto das 18h00 e após uma breve conferência a bordo, decidimos deslocar a zona de prospeção para 1 milha a NO, numa última tentativa de encontrar fundos acima dos 30M. A meio do trajecto combinado, a sonda do “Oceano” marca 45 M e, em poucos minutos, estamos a navegar sobre um fundo acidentado, a 29 M de profundidade. Tudo parece indicar estarmos a aproximar-nos do Pico Gettysburg e, passados alguns minutos, a sonda marca finalmente os 27M de profundidade. Antes mesmo de lançar a primeira bóia, o barco é cercado por um cardume de lírios (*Seriola rivoliana*) que

nadam à superfície, atraídos pelo barulho do motor. Com o lançamento das bóias, constata-se que a corrente é muito mais forte neste local. Por outro lado, a intensidade e direcção da corrente parecem sofrer influência das marés, apesar da distância de terra. Está tudo preparado e o primeiro mergulho realiza-se na bóia nº2, que sinaliza o Pico Gettysburg, num fundo que desce rapidamente dos 27M para os 60M de profundidade.

LÍRIOS AO CAIR DA NOITE

Mergulhamos em grupos de 2, com intervalos de 20 minutos. A corrente é muito forte, apesar de não termos vento, a permanência à superfície é quase impossível. Após uma primeira paragem aos 3M, descemos lentamente pelo cabo até aos 28M, onde já se avista o fundo. Debaixo de nós estende-se uma paisagem de grandes maciços rochosos recortados entre pequenas clareiras de

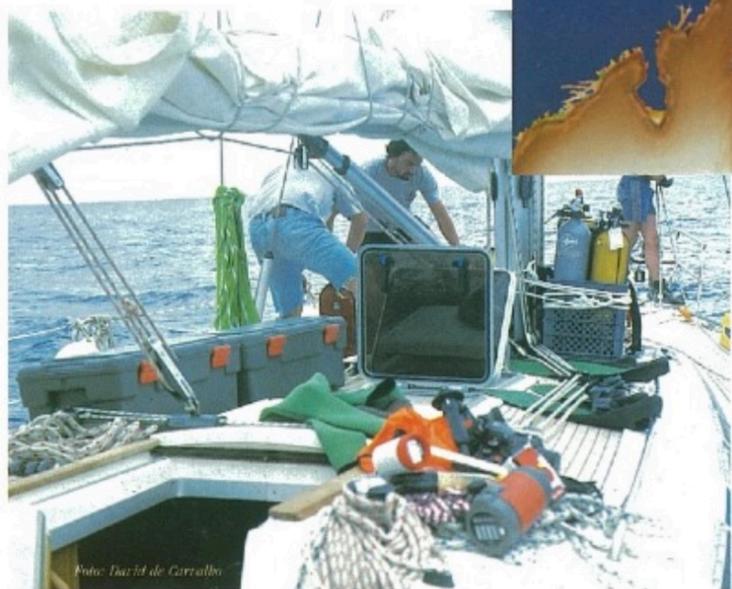
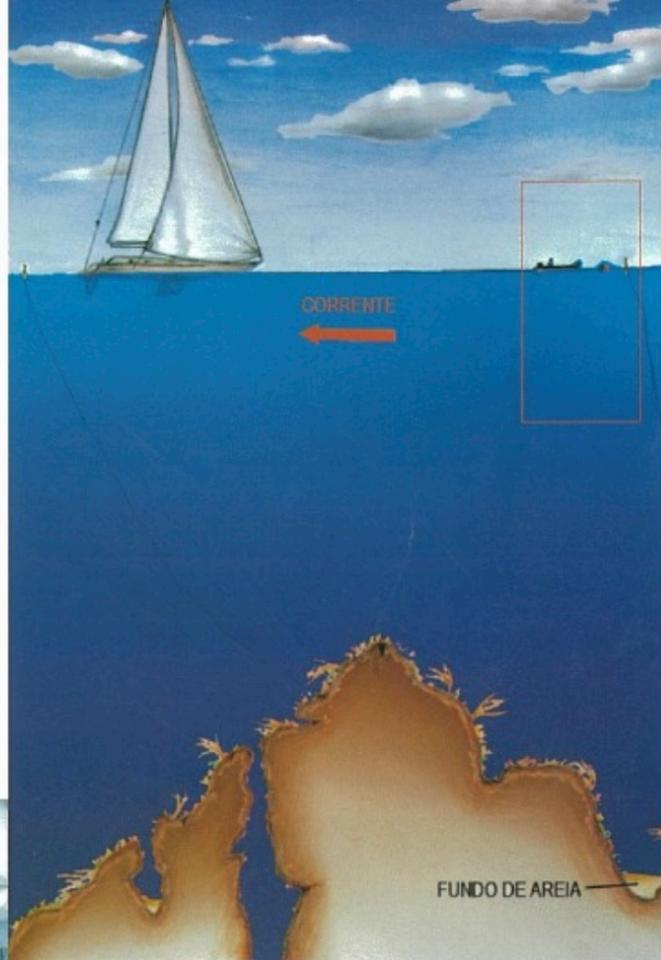


Foto: David de Carvalho

areia, formando desfiladeiros e enormes frestas verticais, repletas de vida. Durante a descida somos acompanhados por pequenos lírios, que nadam em círculo à nossa volta, mantendo uma distância cautelosa. No fundo as coisas viriam a ser diferentes, mas ali, eles não se aproximam mais de 2 ou 3 metros. Ao longe no azul, avistamos um cardume de serras (*Sarda sarda*) que nos vigia atentamente, arriscando algumas aproximações rápidas. Aos 35 M, com uma corrente já relativamente fraca, abandonamos o cabo e paramos por instantes a



meia água. Admiramos a paisagem que nos rodeia. Sonhámos com estes fundos durante meses, escutámos os maiores disparates e chegámos até a duvidar da sua existência, pelo menos a estas cotas. E, finalmente, o Gorringe está diante dos nossos olhos, com toda a sua

beleza selvagem. Ao olhar aquelas pedras pela primeira vez, somos atravessados por uma sensação de quase religiosidade. Todos havíamos traçado um quadro mental dos fundos que iríamos encontrar e o que está debaixo dos nossos olhos corresponde quase por completo. A quantidade e diversidade de espécies é enorme, embora um aspecto não corresponda inteiramente ao que imaginámos: as imagens de fundos de fauna e vegetação profusa e colorida não existe diante de nós. Estamos demasiado fundo, a 45 M de profundidade e tudo à nossa

O "deck" do "oceano"

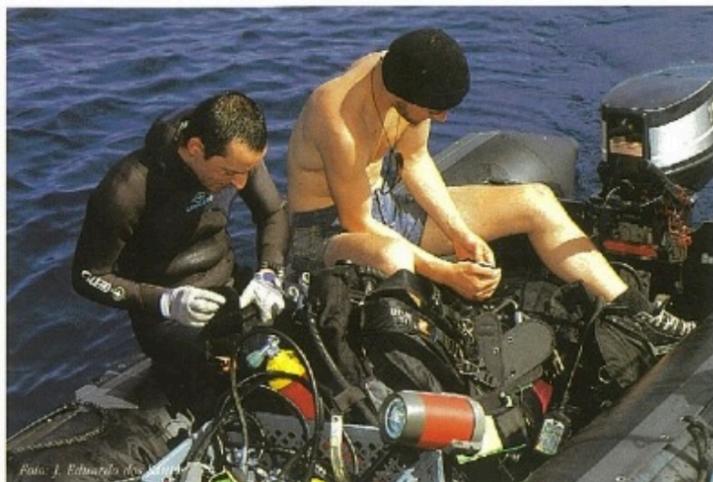
enquanto esteve

fundeados no Gorringe

O equipamento era

montado e verificado

a bordo do pneumático



volta é verde e castanho.

Nas clareiras de areia e em zonas de pedra onde a vegetação é menos densa, repousam um número incontável de grandes tremelgas, de pelo menos duas espécies diferentes (*Torpedo torpedo* e *Torpedo marmorata*). Por vezes, formam verdadeiros tapetes amontoando-se umas sobre as outras. Nas frestas, castanhetas e abróteas convivem amigavelmente entre haleotes, ouriços diadema,

sacudidela apenas quando os tentamos prender com as duas mãos. Afastam-se dois ou três metros e voltam novamente, com a mesma determinação. Cada vez são maiores e em maior número, não permitindo a aproximação dos charéus (*Pseudocaranx dentex*) e pirangicas (*Kyphosus sp.*), que nos observam à distância.

Reagem com indiferença aos flashes do José Eduardo, que não pára de disparar as duas Nikon RS que transporta penduradas no pescoço. Aumentam de velocidade à medida que alargam os círculos à nossa volta e mostram-se cada vez mais nervosos. Nadam rapidamente na nossa direcção, desviando-se do último instante. Um arrisca um empurrão com o nariz na minha garrafa. Sou projectado para a frente com força e distingo o olhar surpreendido do José Eduardo. Está na altura de sairmos dali e dirigir-nos lentamente para o fundo. Os lírios desinteressam-se, afastando-se sem abandonarem o local. Só voltarão a juntar-se a nós quando iniciarmos o regresso à superfície, acompanhando-nos até aos 30M, regressando depois ao abismo, com um desinteresse altivo.

Durante os mergulhos, o "Oceano" foi mantido sempre a jusante da corrente em relação ao barco de apoio, com vigilância permanente durante todo o mergulho. As descidas foram feitas pelo cabo e a evolução no fundo quase sempre efectuada desenrolando um carreto a partir da poita. O regresso à superfície era igualmente através do cabo e a bóia de palamar foi utilizada apenas como recurso de segurança, no caso de não ser possível o regresso pelo cabo.

pequenas garoupas (*Serranus atricauda*) e uma quantidade infindável de outras espécies de onde, curiosamente, estão ausentes os crustáceos.

Os nossos movimentos lentos são um convite à aproximação dos animais de água livre e, rapidamente, somos rodeados por enormes lírios, de diversas espécies (*Seriola rivoliana* e *dumerilii*) que não param de surgir vindos das profundezas do azul. Estes são enormes, de olhar inquietador, como que surpreendidos por não os rearmos. Têm mais de 1,5M de comprimento e talvez mais de 40Kgs de peso. Rodeiam-nos em círculos apertados, permitindo ser tocados e abraçados. Soltam-se com uma

DESCOMPRESSÃO. DESCOMPRESSÃO... E UM TEMPORAL

Mergulhámos a 46M e espera-nos uma longa decompressão, que será feita no cabo, no meio da corrente e do azul. O equipamento permitiu-nos fazer 62 minutos de



mergulho, 21 dos quais em decompressão. A água rondava os 19 graus de temperatura com uma visibilidade superior a 25M. Quando à superfície olho o meu companheiro, ele apresenta um sorriso de orelha a orelha e a expressão de quem acabou de ir à Lua e voltar.

Os nossos mergulhos vão suceder-se a uma média de dois por dia, durante 4 dias. Os longos períodos de decompressão, em pleno azul, serão uma constante. A nossa actividade no mar será sempre vigiada pelo olhar atento do António Rocha. O António é um mergulhador experimentado, com um invejável número de registos no caderno de mergulho e um desejo antigo de conhecer o Gorringe. A sua de condição de skipper e o sentido de responsabilidade não lhe permitiram, apesar da nossa insistência, realizar o velho sonho. Apesar disso, o António foi sempre o quinto mergulhador a bordo, preocupado, vigilante e com um invulgar sentido de oportunidade. Um companheiro de mergulho de cinco estrelas.

Durante a nossa estadia no Banco, o mar manteve-se calmo, embora as mudanças de disposição se tenham sucedido rapidamente e sem aviso prévio. Na segunda

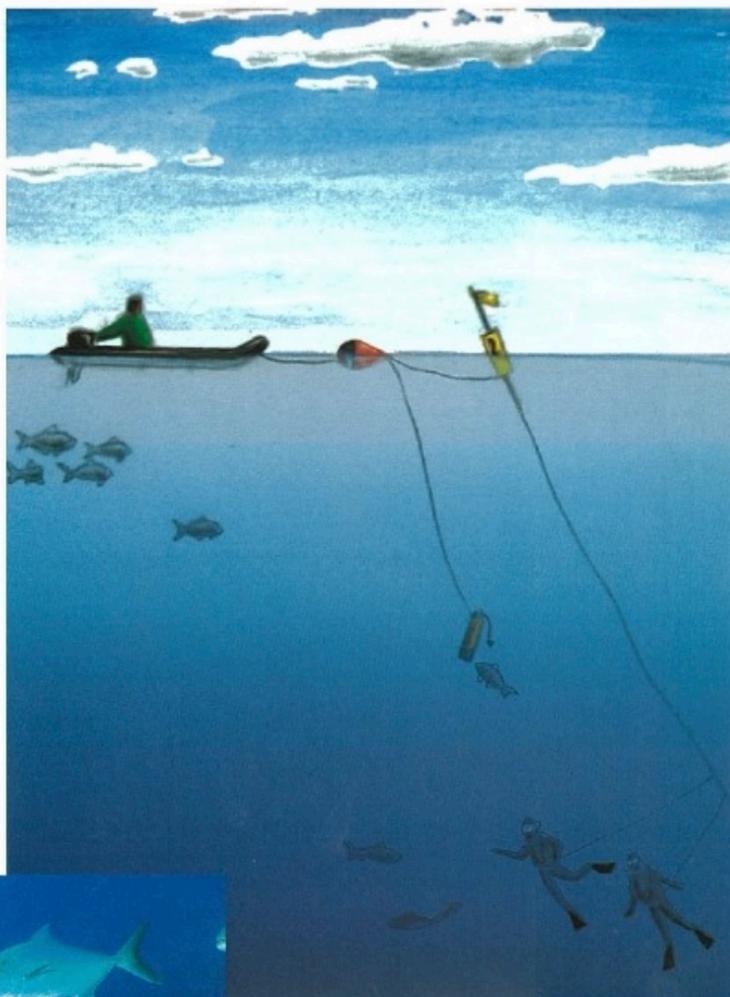


Foto: J. Eduardo da Silva

noite fomos surpreendidos por uma enorme chuvada às 2H00, com ventos de 24 nós e ondas de 3M que nos arrastaram com o ferro e uma das bóias de sinalização. Mais tarde iríamos ainda arrastar connosco um aparelho de pesca. O compressor e garrafas que se encontravam no exterior, tiveram que ser recolhidos pelas escotilhas, à custa de muitas nódoas negras e da completa inundação

do interior do barco. No "deck", o Octávio Canhão corria dum lado para o outro, gesticulava e dava ordens. Estava finalmente no seu elemento. O Octávio é instrutor de rafting, canoísta e escalador. Um dia resolveu ir ao Pólo Norte e, como não encontrou forma mais complicada, resolveu ir de canoa. E foi! Curiosamente, também conseguiu voltar. O Octávio acompanhou-nos como timoneiro e ajudante do António no comando do "Oceano". Dividiu funções com o Henrique Ramos e ambos garantiram ainda os turnos de vigília, permitindo o descanso nocturno dos mergulhadores.

Foto: J. Eduardo da Silva

A descompressão foi feita no cabo, utilizando "jornales", por questões de conforto e segurança. A 6M estava suspensa uma garrafa de 12L com dois reguladores. Uma segunda garrafa de 12L foi colocada no interior do barco de apoio. O contacto entre o timoneiro e o "Oceano" era garantido por rádio. À superfície foram utilizados dois tipos de bóias: de sinalização e de mergulho. As de sinalização tinham um mastro com bandeira

e destinavam-se a sinalizar o local à distância. Foram utilizadas 4 para sinalizar a zona de mergulho, afastadas cerca de 400M entre elas. A bóia de mergulho serviu para suportar a descida e subida dos mergulhadores e prender o barco de apoio. Este, manteve-se preso à bóia durante o decorrer dos mergulhos, até ao regresso do grupo. A configuração do equipamento de cada mergulhador foi a seguinte:

Garrafa de 15L ou 18L, com dupla torneira e dois reguladores.

Fony de 3L, com regulador e manómetro de pressão

Computador de mergulho Carreto (utilização para evolução no fundo e com a bóia de patamar)

Boia de patamar (como recurso de emergência)

Dive-alert

Os mergulhos foram efectuados sempre em grupos de dois e nunca a menos de três horas do pôr-do-sol.

O temporal, como nos trópicos, cessou tão rapidamente como havia surgido e depois do enorme alvoroço e confusão, estávamos novamente com céu limpo e mar de 1,5M. Navegámos à deriva o resto da noite e quando a manhã nasceu, estávamos a 9 milhas do local.

LULAS VOADORAS E O "FRUTO DA UNIÃO"

Durante a nossa permanência no Banco acontecia encontramos espalhados no convés, além dos habituais peixes voadores, uma quantidade considerável de pequenas lulas. A explicação e o sentido deste achado escapou-nos durante algum tempo, até compreendermos que as lulas saltavam para dentro do barco durante a noite, empurradas pelo ataque de grandes peixes. Que peixes eram esses ao certo, nunca o sabemos.

No segundo dia apareceu-nos no horizonte uma pequena embarcação de pesca que, passado algum tempo nos contactava pelo rádio. Curiosos da nossa permanência no local, perguntavam se estava tudo bem, ou se tínhamos algum problema e precisávamos de ajuda. Esclarecemos que estava tudo em ordem e explicámos os motivos que nos faziam ali estar. Rapidamente ficámos inteirados da hospitalidade do mestre que nos ofereceu uma caldeirada e convite para ir a bordo, ver de perto o trabalho deles. Mais tarde alguns de nós acompanharam ainda o "Fruto da União" na recolha de aparelhos de pesca a 3 milhas do nosso local. Quando ao fim do dia regressaram a bordo traziam, oferecida, uma caixa com duas dúzias de sapateiras e nos olhos, o brilho de quem aprendeu muita coisa num curto espaço de tempo.

Das várias informações que recebemos da tripulação do "Fruto da União", uma dizia respeito a um grande tubarão de dorso preto, que rondava o banco há uma semana. Era o único que tinham visto na zona desde Maio, embora em anos anteriores tivessem tido outros encontros, mais frequentes e em maior número. Nos longos períodos de descompressão, com três e quatro patamares em plena água livre, nunca deixámos de sentir alguma angústia perante a possibilidade de sermos objecto da curiosidade de um destes grandes viajantes dos oceanos. Nunca deixámos também de pensar nas excelentes fotografias que esses encontros dariam.



No entanto, nunca tivemos essa sorte ou azar, nem sinal disso e o "shark-billie" nunca abandonou o armário onde foi guardado.

GETTYSBURG FOREVER

No terceiro dia havia dois aniversariantes a bordo: o Henrique Ramos e eu próprio. Quando acordei e me dirigi ao "deck", encontro o Henrique no fim do turno, embrulhado em três casacos, por trás do leme. Depois de trocadas felicitações e alguns impropérios, explico-lhe que se não estivesse romanticamente virado para nascente, onde o sol se elevou há já duas horas, teria reparado que por trás dele se erguem dois imponentes arco-íris, gémeos, como se os céus festejassem ali no meio do mar, o nosso aniversário. O Henrique entra em delírio: "Isto é um sinal! É místico! Vais ver que é hoje que aparecem as jamantas!" Mas não. Apareceu uma garrafa de "Möet" ao jantar, mas jamantas não.

Durante os nossos mergulhos no Gorringe vimos todas as espécies de peixes que podíamos esperar ver, à excepção das jamantas, dos tubarões e dos meros que, apesar das excelentes condições do fundo, por um qualquer motivo desconhecido não habitam este fantástico lugar.

À noite era costume reunimo-nos no interior do barco, onde se planeavam os mergulhos do dia seguinte e se discutiam os relevos do fundo, enquanto o Miguel Oliveira ia

tomando notas e fazendo desenhos. O Miguel é a boa disposição em pessoa. Médico, músico de jazz, excelente ilustrador científico e maníaco da cozinha internacional. Foi o nosso médico de bordo e, por vezes, também o cozinheiro. Foi responsável por uma farmácia que dava para fazer uma tese de mestrado, onde não faltava equipamento para suturar ferimentos, tratar uma perna partida ou administrar oxigénio. A garrafa branca felizmente não foi

utilizada, mas a sua permanência à vista exerceu um papel terapêutico importante, fazendo-nos recordar, permanentemente, o custo dos erros.

Num dos nossos mergulhos, depois de atravessarmos um cardume de barracudas durante a descida, esperava-nos no fundo um peixe cão, atento aos nossos movimentos. Estávamos numa zona onde ainda não tínhamos mergulhado e, quando o peixe se afasta, resolvemos persegui-lo. Era na zona mais funda do Gettysburg, onde grandes lajes de pedra caem verticais para fundos mistos de areia e rocha. Entre as enormes paredes de pedra abrem-se arcos, alguns com mais de 6M de diâmetro, por onde volteiam os lírios e a restante fauna local. Procuramos lagostas ou outros crustáceos no tecto dessas passagens mas, enquanto a vida vegetal é inesperadamente profusa, os crustáceos teimam em não aparecer. Estamos junto à areia, a 55M de profundidade. Por trás de nós ergue-se uma parede perfeitamente vertical, com mais de 20M de altura, pela qual iremos evoluir de regresso à superfície. À nossa volta a paisagem é quase fantástica, pela irregularidade e dimensão dos maciços rochosos. Todas as frestas e desfiladeiros se alinham na mesma direcção, como se tivessem sido arrumados assim. Estamos certamente "no sítio onde as coisas acontecem".

Em 1755, Lisboa tremeu sob um forte abalo sísmico. As casas desmoronaram-se como castelos de cartas e o incêndio que se seguiu deu um final épico à destruição e ao terror. Quando o grande maremoto chegou, a cidade era um caos, pouco mais havendo para destruir. O terramoto de 1755 ainda hoje detém o título ingrato de record do mundo. A zona do seu epicentro continua activa e a produzir, todos os anos, pequenos e médios abalos sísmicos. Chama-se Banco Gorringe. Os seus fundos são serenos e habitados por animais que não temem o Homem. ●

AGRADECIMENTOS

Algariate; Helder&Gonçalves, Equipamento Médico de Emergência; Instituto Hidrográfico; Secção Náutica do Clube de Pessoal da EDP; Dr. João Correia, do IPIMAR; Dra. Paula Leandro, do Aquário Vasco da Gama; Carlos Gomes, da Abissus e, por último, um agradecimento muito especial para o Cte. Mário Graça, pela sua disponibilidade e apoio, desde a primeira hora.

